

LINDA HOWE

COMO LER OS REGISTOS AKÁSHICOS

O guia definitivo para aceder
aos arquivos da memória universal
e descobrir o trajeto da alma

Inclui
exercícios
práticos para usar
esta poderosa
ferramenta



FAROL

Este livro é dedicado
a Jack e Dottie Howe,
os meus pais perfeitos.
Eu amo-vos.

Prefácio: Como Descobri os Registos Akáshicos

Não tive nenhuma experiência de quase-morte. O que aconteceu foi mais pairar espiritualmente sobre a morte durante alguns anos. A situação não era famosa — e eu não compreendia porquê. Fizera tudo certo: era boa rapariga, fui para a universidade, estudei muito, consegui boas notas. Tinha um bom emprego, um belo apartamento. Tinha o que parecia ser uma boa vida e tudo o que pensava que queria... e sentia-me infeliz. Por simples esforço obtivera o que me propusera alcançar, mas tudo o que conseguira não acalmava o grito que ecoava das profundezas da minha alma.

Por mais que tentasse, nunca conseguia ser «suficientemente boa»; os meus esforços não estavam a funcionar. Por vezes limitava-me a desistir e permitia-me ser tão «má» quanto conseguia tolerar — tudo para conseguir um sentimento de estar «bem», de segurança e de relaxamento. Mas não estava a funcionar.

Por fim, desesperada, dirigi uma oração a Deus: «Meu Deus, se estás aí tens de me ajudar. Não aguento mais. Ajuda-me. Por favor.»

Ao fim de seis semanas dessa oração cheia de urgência, aconteceu algo extraordinário. Estava deitada na cama,

a sentir pena de mim, a olhar para uma árvore que crescera até à minha janela, num terceiro andar. Mais uma vez pedi a Deus que me ajudasse: «Diz-me... Como é possível que a minha vida pareça ser tão boa mas eu a sinta tão má?»

Depois, tudo parou. Todo o ruído dentro de mim se suspendeu, substituído por um sentimento de calmo alívio. Quando olhei para a árvore sabia que estávamos ligadas — sentia-o. Com 23 anos, criada na cidade, e não sendo pessoa de passar muito tempo na Natureza, fiquei perplexa com a experiência. Durante alguns momentos senti sem dúvida que era una com a árvore e com tudo o resto que conseguia e que não conseguia ver. A ideia era vasta e, ao mesmo tempo, reconfortante. Sabia que a minha vida não era um acaso e que havia um Deus. Mais importante, sabia que este Deus gostava de mim. O amor de Deus nunca estivera em questão; eu sempre soubera que Deus me *amava*. Mas nunca tivera a certeza de que *gostava* de mim. Nesse momento miraculoso, os meus medos apaziguaram-se e as minhas perguntas foram respondidas. O sentimento de ser reconhecida por completo e absolutamente amada era inconfundível. A experiência foi tão poderosa e tão profunda, e a sua realidade tão avassaladora, que ainda hoje ando a habituar-me a ela — quase 30 anos depois.



Tendo sido criada como católica no Midwest, a minha compreensão inicial de Deus era aquele «velho de barbas no céu». Sentir-me ligada à árvore afastou de mim essa ideia. O Deus que encontrei nesse momento ia muito para lá do meu antigo conceito. A minha nova e expandida versão de Deus era mais um campo de força do que uma pessoa.

Este campo de força parecia conter um misto de diferentes qualidades que convergiram nesse momento — um poder positivo, energizante, misturado com uma grande sensibilidade e ternas compaixão e bondade. Havia um sentido paradoxal de ordem sem constrictões: um encontro ordeiro de exuberante alegria, calma profunda, atenção precisa e reverência pelo momento — e uma inclusão aberta e expansiva de tudo o que existe, que sempre existiu e que existirá... a ocorrer em simultâneo.

Ora aí estava um Deus que valia a pena conhecer! Durante algum tempo pareceu-me que deveria haver uma palavra melhor e mais moderna para descrever este poder e a sua presença. Mas, por fim, decidi que a palavra Deus era o melhor termo para mim, porque toma em consideração a natureza incognoscível e misteriosa deste campo de força.

Desde o episódio com a árvore, fui abençoada com muitos momentos de atenção apurada. Mas essa primeira experiência consciente da presença de Deus foi a mais entusiasmante e transformadora. Num ápice, tudo mudou — eu mudei — e, no entanto, parecia estar na mesma. Eu sabia que, independentemente de qual tivesse sido a experiência, eu queria mais. Queria viver toda a minha vida com base nesse lugar em que era tão reconhecida, tão vista, tão amada. A minha procura começou.

Religião dominante

Parti para a minha jornada espiritual com paixão e entusiasmo. Pretendia captar a minha experiência inicial e fazê-la durar, prolongá-la, duplicá-la. O meu desejo de experimentar mais uma vez aquele sentimento de Luz, de poder e de presença levou-me a uma série de lugares. Primeiro fui a

igrejas e templos: a imensos, desde os católicos carismáticos, onde a norma é orar em línguas, até templos budistas, onde as pessoas praticam meditação e o desapego. Em pouco tempo reconheci que todas as religiões eram e são fundamentalmente boas, e até hoje participo em atividades religiosas quando a isso sou estimulada. Mas a experiência reveladora que eu tivera não estava ali, nem estava a ser procurada. Em vez disso encontrei inúmeras regras e imensa pressão para as seguir. Os homens mandavam e as mulheres serviam comida e bebida: não era para mim — a política metia-se à frente. Nessa época estava a debater-me para aceitar a minha identidade sexual e temia que as autoridades religiosas desconfiassem da verdade e me banissem. Então, tornou-se claro: a religião tradicional não era o caminho que me permitiria experienciar de forma mais profunda a presença de Deus como eu a conhecera.

Depois do meu despertar espiritual senti-me tão repleta com a graça de Deus que abandonei com facilidade os hábitos, os pensamentos e os comportamentos que estavam atravessados no caminho do meu desenvolvimento espiritual. Ao mesmo tempo recebi a energia de que precisava para desenvolver novos padrões de vida. A ridícula festa desenfreada que era a minha vida desapareceu com relativamente pouco esforço da minha parte. Já tentara antes mudar de atitude, mas estivera fora do meu alcance. Contudo, sentir-me tocada desta maneira levou a que, sem esforço, eu seguisse numa direção diferente. Qualquer pessoa que tenha sentido este tipo de cura sabe quão misteriosa e milagrosa essa cura é. Não há esforço humano que lhe seja comparável.

Durante algum tempo, talvez uns seis meses depois de a Luz se abrir dentro de mim, sentia-me de consciência totalmente aberta. Era como se tivesse entrado numa nova

dimensão da vida e, de facto, fora isso o que acontecera. Fosse eu aonde fosse, acontecia um sentimento de saber que, fosse o que fosse que via, era Deus — uma expressão de Deus — e que eu era uma com isso. Na fila da mercearia tremia com a noção de que todos ali presentes eram um só. Ao guiar pela bonita Lake Shore Drive, em Chicago, aceitava com facilidade que tudo o que encontrava no caminho era Deus e que eu era parte disso. Passar pelo bairro habitacional de Cabrini Green fazia o meu mundo abanar, à medida que esse frémito de consciência me dizia que também isso era o rosto de Deus e que eu lhe estava ligada. Sentia-me um pouco tonta, mas como era muito melhor do que sentir-me presa e miserável deixei-me ir.

Durante este período, a minha mãe foi uma autêntica dádiva. Possui uma forte consciência mística e não tem medo da realidade espiritual. É uma católica progressista, que esteve sempre à frente do seu tempo, e apoiou-me do seu ponto de vista, oferecendo-me orientação e conhecimento sobre a missa, sobre o mistério da Trindade e sobre as Escrituras. O apoio que me deu nunca vacilou, e por isto estou-lhe eternamente grata. Ainda assim, mesmo a sua perspectiva radical sobre um caminho tradicional não era a minha.

Explorar Novos Caminhos

Tendo explorado a religião, aproximei-me dos seminários de autoajuda. Assisti a montes deles e adorei todos! Cada um trouxe-me algo de que eu precisava: às vezes compreensão, às vezes pessoas, às vezes estrutura e organização. Fosse eu aonde fosse, fui abençoada com algo que sustentava o meu crescimento. Alguns foram positivos, validadores, e com o intuito de nos fazerem sentir bem. Outros foram difíceis,

perturbadores e terrivelmente desconfortáveis. Todos contribuíram para a minha crescente consciência. Mas o que faltava neste caminho era o reconhecimento da dimensão espiritual da vida.

Assim, continuei a minha procura, acompanhada por incontáveis amigos e companheiros. Fiz terapia e trabalhei o corpo de todas as maneiras e feitios. Li todo o tipo de coisas — a minha geração tornou famosos os leitores espirituais, por isso vi-me à mesa com inúmeros profetas. E como aconteceu com a maior parte dos caminhos que explorei, as minhas experiências foram em geral maravilhosas.

Quando tinha 28 anos fui com um amigo a uma feira renascentista, onde uma leitora de tarot me deitou as cartas. Essa leitura acabou por ser um acontecimento significativo para mim, não por causa dos pormenores do que ela me disse, mas devido ao que senti quando ela terminou. Enquanto eu absorvia a verdade das suas palavras, experimentei um maravilhoso sentimento de libertação pessoal. Ah, se eu pudesse oferecer o mesmo sentimento aos outros!...

Saí da feira com a ideia de ganhar a vida a ler cartas de tarot. Nessa altura parecia ridículo. Leitores de tarot e outras pessoas envolvidas na adivinhação espiritual pareciam todos estranhos, desligados da vida quotidiana — quase proscritos. Era assustador pensar que, se eu fizesse «leituras», pertenceria também a essa subcultura. Ainda não me reconciliara com a ideia de ser uma pessoa normal que por acaso lia o tarot. Não, nessa época eram realidades incompatíveis — ou viajaria no mundo real ou viveria nas margens.

Um ano e tal depois, outro amigo sugeriu-me uma sessão com uma mulher no Texas que trabalhava com os Registos Akáshicos... fosse lá isso o que fosse. Esta leitora era muito popular e marquei uma sessão pelo telefone. Explicaram-me

que ela poderia dizer-me qual o propósito da minha alma, e sem dúvida que eu desejava saber qual seria. Nesse tempo, a minha situação financeira e a minha vida profissional andavam tão turbulentas que não conseguia encontrar um sítio onde assentar. Todos os trabalhos que tivera durante esse período me ofereciam algo que eu queria, mas em geral não eram satisfatórios. Sentia-me verdadeiramente perplexa.

À hora marcada telefonei e a mulher iniciou a leitura. Tinha um tom afável, mas por entre o carregado sotaque e as ideias novas que me estava a apresentar não tive a certeza do que me estava a dizer. O que sabia era que experimentava mais uma vez aquele sentimento, aquela noção distintiva de ser reconhecida e amada. O resto da leitura não interessava mesmo, e pela cabeça passou-me a ideia de que adoraria poder fazer o mesmo que ela.

A vida continuou. Quando cheguei aos 30 resolvera muitas das minhas dificuldades pessoais. Por intermédio do infinito amor e da força de Deus, vira-me aliviada de uma terrível perturbação alimentar e conhecera um maravilhoso companheiro com quem continuo a partilhar a minha viagem. Quando a Lisa e eu nos conhecemos, ela ensinou-me a ler cartas de tarot. Passámos inúmeras horas a deitar cartas. O seu amigo Steven ensinara-a a decifrar o tarot e ela limitou-se a transmitir o conhecimento. Passámos um tempo incrível, e nos anos seguintes li as cartas em todas as oportunidades que encontrei. Quanto estive na Universidade do Ilinóis passei muito tempo a desenvolver as minhas competências ao efetuar leituras para estudantes amalucados.

Regressei a Chicago e trabalhei em seguros, lendo as cartas para as pessoas sempre que tinha oportunidade. Odiava o meu emprego. Tentei gostar dele. Tentei que resultasse. Tentei e tentei e tentei... sem resultado. Tinha de me despedir.

Disse a mim mesma que, se o fizesse, terminaria o exame de língua russa de que precisava para finalizar o curso de História Russa. Demasiado aterrorizada para admitir que estava a desistir de ser leitora de tarot, usei esta justificação perfeitamente aceitável do ponto de vista social para deixar um bom emprego e apresentei a minha demissão. Mas tentar pela enésima vez aprender russo foi doloroso — quase tão intolerável como o meu trabalho nos seguros. Depois de muito refletir, e de alguma lamúria e ranger de dentes, desci da cruz que fizera para mim mesma e desisti do russo. Desfrutei de três breves segundos de abençoado alívio antes de ser tomada pelo terror. Chegara o momento da verdade: admiti que queria ler o tarot, como modo de vida. Queria ser leitora profissional de tarot.

Para cumprir o meu sonho, limpava casas de dia e lia tarot em cafés à noite. Era muito divertido! Ao fim de algum tempo estabeleci um escritório em casa e a minha prática começou a crescer. Depois, um estranho padrão começou a ganhar forma. Comecei então a observar — como observo hoje — que as pessoas que vinham ter comigo para lhes ler o tarot costumavam ser espertas e perspicazes. Vinham para a leitura, e enquanto olhávamos para as cartas «víamos» todo o tipo de coisas que as ajudariam a adquirir clareza e a resolver as coisas nas suas vidas. Felicitávamo-nos enquanto eu as acompanhava à porta — e depois, cerca de seis a oito meses depois, regressavam exatamente com os mesmos problemas. Na verdade, havia dois grupos distintos. Um grupo só precisava de adquirir alguma compreensão para resolver as suas dificuldades ou ultrapassar limitações. Para estas pessoas, o problema era falta de conhecimento, pelo que o conhecimento resolvia sempre os seus problemas. Mas, para o outro grupo, a raiz do problema era outra coisa.

Para essas pessoas, o conhecimento não se traduzia necessariamente em poder, e sem o poder de que precisavam as pessoas neste grupo permaneciam muitas vezes encravadas. E assim regressavam à minha procura, voltávamos a olhar para as cartas mais uma vez e repetíamos o mesmo processo. Era doloroso estas leituras nunca parecerem «surtir efeito» e eu sentia-me mal com isso.

As minhas preces tornaram-se desesperadas: «Meu Deus, tem de haver uma maneira de as pessoas acederem ao poder de que precisam para resolverem os seus problemas. É evidente que o conhecimento não é suficiente. É ótimo, até onde vai, mas não vai muito longe. Ajuda-me... P. S.: a solução não pode estar em dogmas ou em instituições, porque, no seu todo, as pessoas que vieram até mim não gostam disso.»

Nesta fase da minha vida já me habituara às sentidas respostas de Deus às minhas profundas orações, e eu sabia que ela chegaria no momento perfeito. Não fazia ideia de qual acabaria por ser a resposta, mas estava aberta a qualquer solução verdadeira.

Viagem Xamânica

Pouco tempo depois da minha prece, um amigo convidou-me para um círculo de tambores xamânico. Eu não queria ir; só a ideia de me ver descalça num círculo com um monte de gente com T-shirts apelando para o poder animal parecia-me horripilante, nada fortalecedor. No entanto, o meu amigo estava entusiasmadíssimo e acabei por ceder. Imaginem só: ali estava eu, a ler cartas de tarot como modo de vida e com medo de que um círculo de tambores xamânico fosse demasiado esquisito. Ri de mim mesma!

Uma mulher chamada Pat Butti dirigia o encontro. Tinha o grupo mais estável e de mais longa duração da região, pelo que me senti segura. Ela era espetacular, a última coisa de que eu estava à espera — cabelo com madeixas, um cão fofinho, tapetes felpudos no chão. O ambiente era de boas-vindas. Em poucas palavras, Pat explicou a viagem em que estávamos prestes a embarcar. Achei que parecia bem, e imaginei que nada me aconteceria, mas decidi mostrar-me bem-educada e participar até onde pudesse.

Com as primeiras batidas do tambor, parti — a caminho de outra dimensão que era para mim tão real como a roupa que tinha vestida. E senti-o: o poder de exercer a mudança — sem dogmas, sem instituições, uma pura força da vida. «Muito bem, Deus», pensei ao despertar do transe, «e agora?»

Ao fim de poucas semanas estava a ter aulas básicas de xamanismo na Foundation for Shamanic Studies, onde tive a sorte de estudar com Sandra Ingerman, autora de *Soul Retrieval*. A minha prática do tarot deu de si e comecei a oferecer curas xamânicas. Era uma forma maravilhosa de fortalecer pessoas que precisavam, permitir-lhes recuperar a força de vida que tinham perdido. Durante os cinco anos seguintes trabalhei como praticante de xamanismo em sessões individuais e de grupo. Era maravilhoso.

Já devem ter adivinhado o que aí vem — um caminho que eu considerara gratificante estava prestes a fechar-se e outro a abrir-se.

Um dia, enquanto estava a dirigir um círculo de viagem e a convocar as direções, como faz um guia — essencialmente, pedindo que todas as pessoas ali presentes recebessem aquilo de que precisam —, dei por mim a pedir a *Deus* proteção e apoio. Não estava a convocar os espíritos do Leste, do Sul, do Oeste e do Norte, como era habitual,

mas estava a convocar Deus. Ora, é verdade que as direções e os animais — e todas as coisas naturais — são expressões de Deus, mas de alguma forma, sem querer, eu deixara a estrutura xamânica. Mais tarde, quando fiz uma prática de cura xamânica com uma pessoa, dei por mim a dizer que essa pessoa era filha de Deus, e que precisávamos de que Ele tomasse conta da situação. Por fim, noutra círculo de tambores, olhei para as minhas mãos e vi os sinais físicos do que se tornara uma adaptação desconfortável: eu era uma das raparigas mais brancas da cidade! Era melhor deixar o xamanismo para os outros.

Os Registos Akáshicos

Era tempo de voltar à minha prece desesperada. Dessa vez foi algo assim: «Meu Deus, tem de haver uma maneira de aceder quer ao conhecimento quer ao poder, mas que seja simples e fácil. Sem coisas para arrastar de um lado para o outro — talvez uma simples oração. Por favor, ajuda-me.» E não duvidei de que a ajuda chegaria.

Umhas semanas depois estava num painel a apresentar informação sobre xamanismo. Estava lá uma outra mulher para falar sobre os Registos Akáshicos. Eu não tive a certeza do que ela estava a falar — era muito esotérico —, mas havia algo cativante, pelo que decidi fazer o seu curso de dois dias de Introdução aos Registos Akáshicos. No curso ela ensinou-nos como abrir os Registos com uma prece específica. Quando segui as suas instruções... pumba! Senti uma clara mudança. E ali estava ele de novo, aquele sentimento de ser reconhecida e amada. Não foi tão avassalador como a minha experiência original, mas reconheci-a — e senti que, por fim, estava em casa.

O que era particularmente convincente nesta nova experiência é que não era sensacional. Não havia qualquer fenómeno espetacular: nada de falar em línguas estranhas, nem olhos a revirar, nada disso. Havia uma simples e subtil, mas discernível, mudança dentro de mim que me permitiu aceder à dimensão de consciência de que andava à procura. Ao longo dos anos, este sentimento de amor tem demonstrado que posso confiar que ele estará sempre presente. Sempre que quero entrar neste estado maravilhoso, tudo o que tenho de fazer é dizer a prece.

Comecei a fazer leituras akáshicas para os meus clientes xamânicos, e nos dois anos seguintes trabalhei com ambos os sistemas. Fiz leituras para mim quase todos os dias e pratiquei as leituras akáshicas com qualquer pessoa que o permitisse. Senti-me como se estivesse a ser «levada» pela luz e transportada numa direção diferente. Quer fosse a ler para mim ou para outra pessoa, experimentei aquele sentimento de que andara à procura. E havia mais: anos de estudo estavam agora a unificar-se. Eu explorara os textos de Joel S. Goldsmith e de Alice Bailey, entre outros, e em resultado disso estava mentalmente preparada para o estágio seguinte da minha viagem. As igrejas Novo Pensamento, Ciência Religiosa e da Unidade — tudo portas que eu abrira previamente — também ajudaram imenso. Tudo o que eu vivera e aprendera me apoiou no meu novo domínio. E tudo continua a apoiar-me!

Em 1995, a Lisa e eu mudámo-nos para a península Olympic com o nosso filho, Michael, acreditando que aquela seria a nossa casa para o resto da vida. Adorámos tudo aquilo — uma beleza espetacular rodeava-nos na curiosa cidade portuária de Port Townsend. Aí, nas margens do mapa, numa cidade com sete mil pessoas, a minha prática

expandiu-se. Era um lugar aonde as pessoas iam para se curarem, pelo que o meu trabalho foi acolhido de braços abertos. Mas adaptar-me à mudança e criar um rapaz pequeno foi muito exigente. Sentia-me abençoada por o meu trabalho ser apreciado, mas a minha lista de clientes estava rapidamente a tornar-se incomportável. Dei por mim a ver tantas pessoas todas as semanas que também isso se tornou esgotante. Finalmente, apesar de adorar o que fazia, tanto trabalho teve um preço e ao fim de algum tempo senti-me como se me estivesse a desfazer aos pedaços. Algo tinha de ceder. Virei-me mais uma vez para a oração: «Meu Deus, ajuda-me, por favor. Mostra-me o que fazer.»

Depois, uma revelação. Compreendi de súbito que muitas das pessoas que vinham ter comigo para as consultas dos Registos Akáshicos podiam fazê-lo por si mesmas; não havia nenhuma razão evidente para não aprenderem a ler os Registos sozinhas. Ensinar as pessoas a fazerem-no para si e para os outros tornou-se numa solução óbvia para o meu dilema. Se os meus clientes aprendessem a aceder aos próprios Registos poderiam ajudar-se a si mesmos a desenvolverem a sua autoridade espiritual. Podiam passar de dependerem de mim a seguirem uma orientação espiritual própria, que lhes permitiria desenvolverem-se e amadurecerem. Depois poderiam vir ter comigo quando estivessem confusas ou a precisar de algum tipo de apoio externo no seu percurso. O meu objetivo foi e tem sempre sido ajudar os outros na sua demanda — ajudá-los a encontrar o seu caminho em vez de ser eu a encontrá-lo *por eles* (o que, de qualquer maneira, não consigo fazer). Nunca procurei alimentar qualquer tipo de dependência e senti-me aliviada por encontrar esta solução.

Acredito que, numa procura espiritual, há distâncias que temos de percorrer sozinhos e o nosso desafio é aprender

a fazê-lo. Depois há outros momentos em que é melhor procurar o aconselhamento de outras pessoas. Ao longo do percurso, por tentativa e erro, aprendemos quando caminhar sozinhos e quando procurar assistência. E aprendemos que, em última análise, estamos aqui para nos ajudarmos uns aos outros.

E foi isso: a minha prece fora respondida e eu encontrara a minha solução. Ensinar os meus clientes a lerem os seus Registos Akáshicos foi uma maneira de os levar a sustentarem-se a si mesmos. Depois fiquei livre para me concentrar no trabalho com outros que precisavam do apoio de alguém. Ao mesmo tempo deliciava-me ao ver os meus estudantes akáshicos a crescerem na procura da sua autoridade espiritual. Era perfeito. E... teria de esperar.

Certificação para Ensinar

Apesar de a minha orientação interior me indicar que eu devia vocacionar-me para o ensino, os poderes instalados — humanos e para-humanos — consideraram que era melhor esperar. E eu não sou uma pessoa muito paciente! Mas esperei, porque precisava de um professor que me ajudasse a avançar para o nível seguinte, para consolidar a minha prática o suficiente para poder transmiti-la com eficácia. Durante mais um ano continuei a dar consultas aos outros e a equilibrar o resto da minha vida. E foi durante esse ano que conheci o professor de que precisava.

Eu tinha uma lista de competências que o professor certo tinha de cumprir, uma lista muito específica e pormenorizada. Eu queria apoio, orientação e instruções de alguém que admirasse, respeitasse e apreciasse. Queria ainda alguém com quem me sentisse livre para ser honesta e junto de quem me

sentisse suficientemente segura para ser vulnerável, mas que também reconhecesse os meus pontos fortes. Idealmente, esta pessoa teria tudo o que eu queria e teria capacidade para me instruir. Um dia apareceu Mary Parker e ela acabou por ser esse tipo de pessoa.

Assim que conheci a Mary, o caminho a seguir abriu-se e rapidamente as coisas ajustaram-se. A Mary recebera uma «oração sagrada». Uma das maneiras pelas quais as pessoas se têm relacionado com os Registos Akáshicos é através de «orações sagradas». Estas orações têm sido dadas a indivíduos como o seu «código de acesso», permitindo-lhes entrar, ter a experiência e sair dos Registos com êxito. Esta tradição da oração sagrada baseia-se nos padrões vibratórios de palavras e expressões específicas, que, em conjunto, estabelecem uma grelha de luz vibracional. Uma vez que esses indivíduos estão energeticamente relacionados com os tons, as luzes e os sons específicos dessa oração podem usá-la, se assim quiserem, para interagir com os Registos. Atualmente, há muitas pessoas com relações ativas com os Registos Akáshicos e usam uma série de orações sagradas com resultados maravilhosos.

Quando eu e a Mary falámos ao telefone reconhecemo-nos de imediato, e eu organizei as coisas para ela vir até Port Townsend para lecionar uma aula de iniciação. Pelo menos parti do princípio de que seria ela a lecionar... mas não. O fim de semana chegou, reuniram-se mais de 30 pessoas no centro comunitário... e ela pôs-me diante delas.

Com a bênção de Mary Parker, obtive a certificação para ensinar os Registos Akáshicos com a sua oração sagrada. As pessoas vieram, as aulas aconteceram e através dos meus próprios Registos houve trabalho avançado que me foi revelado. Este período da minha vida não poderia ter sido mais excitante, exigente ou fabuloso. Ali estava uma forma de

transmitir algo aos outros que lhes permitiria aceder à sua autoridade espiritual — um método simples, pouco drástico e seguro de sustentar os que são chamadas para esta Luz como caminho de desenvolvimento da consciência.

Tem sido particularmente significativo para mim ensinar as pessoas a não apenas se tornarem espiritualmente independentes, como também confiantes no Divino. Eu sei que há alturas em que temos de procurar o aconselhamento de outras pessoas. No caminho espiritual trabalhamos com a dualidade de fazermos por nós mesmos e deixar os outros ajudarem-nos. Saber *o que* fazer e *quando* é uma capacidade de maturidade espiritual. Estar assolado por dúvidas em si mesmo, por outro lado, é uma forma desconfortável de viver. Eu já lá estive. Nesse período em que me senti confusa e inquieta — quando percorria o meu caminho rumo a um compromisso espiritual mais autêntico, mas fazendo por vezes coisas para o evitar — procurava fora de mim todos os leitores e curandeiros que conseguia encontrar. Andava à procura, a esforçar-me, a *ansiar* que alguém me dissesse qual era o meu propósito, o que queria Deus que eu fizesse, o que esperava o Universo de mim. Foi horrível. Essencialmente, queria que fosse outra pessoa, divinamente inspirada ou não, a dizer-me quem e como eu deveria ser nesta vida. A ideia de descobrir estas coisas por mim assustava-me imenso. *E se sigo pelo caminho errado?* Era, no fundo, uma questão de responsabilidade: se eu seguisse o conselho das outras pessoas e as coisas não resultassem... bem, a culpa seria *delas*, não minha.

A Oração do Caminho

Enquanto o tempo ia passando em Port Townsend, tornou-se evidente que a nossa família estava mais destinada a um

ambiente urbano. Ainda assim, foi com muita tristeza que fizemos as malas e nos dirigimos para o Midwest. Quando regressei à região de Chicago, o meu trabalho expandiu-se. Dei consultas e aulas. Ler os meus Registos Akáshicos deram-me acesso a recursos inestimáveis: aulas, ideias e sugestões sobre a sua implementação.

Uma das minhas principais questões sempre fora como ser ao mesmo tempo espiritualmente desperta e uma participante responsável na vida do dia a dia, e essa questão exigia ainda uma resposta. Eu vira muitas, muitas pessoas que eram uma coisa ou outra. De modo intuitivo, sabia que a força espiritual que descobrira não era para me afastar da vida, mas para potenciar a minha vida quotidiana. Passando tempo nos meus Registos, procurei respostas para este assim como para muitos outros assuntos.

Depois de ensinar no Midwest durante alguns anos, recebi uma chamada telefónica inesperada de Mary Parker. Fez-me saber que estava a reestruturar as suas relações com as pessoas que usavam a sua oração sagrada para ensinarem os Registos Akáshicos. Nessa altura eu tinha já muita experiência com os Registos e as muitas alterações que ela decidira implementar não faziam sentido para mim. Percebi que não poderia incorporar as suas ideias no meu trabalho, porque a orientação que estava a receber era diferente da dela, e assim, por respeito pela Mary e pela sua linhagem, e por respeito comigo mesma, percebi que tinha de me afastar. Deixei de ensinar os Registos Akáshicos, continuando apenas o meu trabalho com indivíduos. Foi uma transição difícil, porque parte de mim queria pertencer à comunidade que conhecera. Contudo, o preço de pertencer seria desonrar a minha verdade espiritual e ignorar a minha orientação estava fora de questão.

Nos oito meses que se seguiram rezei, chorei, refleti e naveguei num imenso turbilhão interno. No centro da tempestade debati-me com a minha relação com o Deus do meu entendimento. Dessa luta surgiram os fundamentos do que chamei «as aulas de Deus». Apesar de inicialmente o que criei oferecesse uma forma sistemática de resolver algumas das minhas ideias amadurecidas sobre Deus, vi que esta estratégia podia beneficiar outras pessoas — e por bons motivos. No meu ensino dos Registos Akáshicos observara que aqueles que se sentiam confortáveis com o seu Deus faziam um trabalho mais profundo, mais rico nos Registos. Os que se sentiam desconfortáveis com o seu Deus, contudo, tinham mais dificuldade em trabalhar nos Registos. Por isso, as aulas de Deus ajudaram-nos a todos.

Durante o verão de 2001, enquanto eu rezava furiosamente em busca de ajuda, recebi a recorrente mensagem de que tinha de ensinar os Registos Akáshicos. Isto era fascinante. Eu continuava a dizer a Deus, com toda a clareza, que nem pensar nisso, mas essa ideia persistente não me largava. Na primeira semana de setembro, em plena birra espiritual, veio-me uma oração. Penetrou a minha birra e o meu espírito acalmou-se à medida que as palavras e o ritmo dominavam pouco a pouco o espaço. Dizer essa oração predisps-me para um poderoso reino nos Registos, onde o meu coração se acalmou e o meu espírito se alinhou para o apoiar. Eu passara para um novo nível com a Oração do Caminho. Foi fantástico.

Depois de receber a minha oração sagrada dos Registos, marquei com a minha assistente, Christina, falarmos pelo telefone, na manhã do dia 11 de setembro de 2001. Eu planeava partilhar com ela a oração e obter a sua reação. Nessa manhã, enquanto falávamos, as torres gémeas do World Trade Center, em Nova Iorque, estavam a ser atingidas e abria-se

para milhões de pessoas uma nova dimensão da consciência. Mais à frente falarei mais sobre esta extraordinária convergência, mas gosto de pensar que a Oração do Caminho que recebi, que me permitiu aceder ao coração dos Registos Akáshicos, foi uma expressão das vibrações mais elevadas que foram libertadas nesse dia.

Eu tinha tanto para aprender!... A Oração do Caminho implica muitíssimo o coração, e isto exige que os praticantes sejam muito ativos no seu trabalho interno. Quanto mais límpido e aberto for o seu coração, mais forte será a sua relação com a Luz. Quando o coração está aberto, esta oração oferece um portal acessível para os Registos Akáshicos. Eu estava ansiosa por seguir a orientação que estava a receber dos Registos, pelo que ao fim de pouco tempo estabeleci o Centro para os Estudos Akáshicos, onde dei aulas — muitas aulas. Novas ideias e compreensões continuavam a chegar-me vindas dos Registos, e agi em função delas o melhor que consegui.

O que tem sido mais notável neste caminho em particular nos Registos é que a compaixão e a aceitação dominam. Com cada leitura que faço — para mim ou para outra pessoa — recebo uma nova dose de Luz e amor. Pode parecer piroso, mas é verdade. Estas energias têm-me ajudado a crescer, ultrapassando a rejeição e o abandono de mim mesma rumo a mais amor-próprio. E com maior consciência do amor que tenho dentro de mim, é natural querer partilhar mais amor com os outros.

Ao longo dos anos fiz muitas leituras com praticantes de uma série de disciplinas. Astrólogos, leitores de auras, intuitivos e médiuns, todos eles ofereceram muitas ideias úteis e positivas. Contudo, nestas leituras deparou-se-me muitas vezes o mesmo problema. Fosse qual fosse o leitor ou

a leitora, ou o método de adivinhação que ele ou ela usasse, diziam-me em tom enfático que se eu «me amasse» tudo ficaria bem. Ser instada a fazer isto não facilitava aceder a esse lugar dentro de mim. Apesar de saber que tinham razão, e que eram sinceros no seu desejo de me ajudarem, não sabia como traduzir as suas palavras numa experiência de aceitação e de respeito por mim como a pessoa que eu era nessa época.

Agora, por meio da graça de um Deus infinitamente generoso e que ama, acabei por gostar de mim mais do que alguma vez aconteceu. Por este caminho para o coração dos Registos Akáshicos experimentei o sentimento distintivo da minha bondade e da bondade dos outros, além da experiência de ser vista, reconhecida, amada e — mais importante — de gostarem de mim. É meu sincero desejo que este livro conduza o leitor até à fonte de Luz de onde emanam estas maravilhosas qualidades: os Registos Akáshicos.

Os Registos Akáshicos contêm tudo o que uma alma alguma vez pensou, disse e fez ao longo da sua existência, bem como todas as suas possibilidades futuras.

Esta informação preciosa poderá ajudá-lo em qualquer aspeto da sua vida.

O Universo também tem uma memória: os arquivos energéticos da alma universal conhecidos como Registos Akáshicos. Antes apenas acessíveis a mestres espirituais, estão agora disponíveis para qualquer pessoa, em qualquer lugar.

Após uma longa demanda, a professora Linda Howe desenvolveu um método para lhes aceder. Se nos elevarmos a um nível divino de consciência, esta invocação sagrada abre as portas dos Registos, onde o nosso «projeto de alma» espera por nós. Nesse lugar trabalharemos com os nossos Mestres, Professores e Entes Queridos para cultivarmos relacionamentos ricos e aprendermos a desenvolver o nosso maior potencial.

Baseado nas histórias de sucesso de dezenas de pessoas, este guia abrangente ajudá-lo-á a ler os Registos Akáshicos com confiança, para si mesmo ou para outra pessoa, e a encontrar inspiração para o seu caminho espiritual.

«Um guia fantástico, prático e completo, para aceder ao campo de informação atualmente redescoberto nas ciências como o Campo Akáshico.»

Ervin Laszlo, filósofo da ciência



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
Facebook: penguinlifestylept
Instagram: penguinlifestylept
Twitter: penguinlivros

ISBN 9789897873188



9 789897 873188 >